



EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA ONLINE: CONCEITUAÇÃO BALIZADORA PARA ESTUDOS FOCADOS EM AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

E-LEARNING: CONCEPTS FOR FOCUSED STUDIES IN VIRTUAL LEARNING ENVIRONMENTS

- **Marcus Neves** - Universidade Federal de Pelotas - marcusneves@ifsul.edu.br
- **Fabiane Fruet** - Universidade Federal de Pelotas - fabysoliveira@gmail.com
- **Janete Otte** - Universidade Federal de Pelotas - janete.otte3@gmail.com
- **Margarete H. Antunes** - Universidade Católica de Pelotas - midias.margarete@gmail.com

Resumo:

O presente trabalho tem o intuito de identificar os tipos de classificações existentes no âmbito da Educação a Distância (EaD), percorrendo suas classificações em fases e modelos com a finalidade de definir aquela classificação que melhor se adapte ao estilo de EaD, baseado nos ambientes virtuais de aprendizagem, em que nosso grupo de pesquisa atua e investiga. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, identificamos as grandes fases ou gerações que vão desde o ensino através de correspondência, passando pela transmissão por rádio e televisão, até as teleconferências e aulas virtuais, e também os modelos, classificação esta que se preocupa mais com os tipos de mídia ou tecnologias utilizadas no intuito de potencializar o ensino e a aprendizagem a distância. Após essa investigação, nos deparamos com o fato de que o conceito de EaD online se constitui no mais adequado para nortear os estudos do nosso grupo de pesquisa, pois é a modalidade de ensino a distância que se está desenvolvendo mais, hoje, principalmente, por causa dos fomentos da Universidade Aberta do Brasil, com vistas à expansão e à interiorização da educação superior. Além disso, observamos que existe uma tendência de crescimento e aperfeiçoamento da EaD online nos diferentes níveis de ensino e da sua inclusão em cursos presenciais como auxílio ao processo de ensino e aprendizagem fora da sala de aula.

Palavras-chave: Educação a Distância; Fases e Modelos; EaD Online.

Abstract: *This research aims to identify the types of classifications within the Distance Education, covering their classifications in phases or models, in order to define the classification that best fits the distance learning style, based on virtual environments learning, in our research group investigates and acts. Through a literature review, we identify the major phases or generations ranging from education through correspondence, through the transmission of radio and television, to the conference calls and virtual classes, and also models, classification that cares more about the media types or technologies used in order to enhance teaching and distance learning. After this research, we came across the fact that the concept of e-learning constitutes the most appropriate to guide the studies of our research group, it is the type of distance education that is developing more today primarily by because of the encouragements of the Open University of Brazil, with a view to expansion and internalization of higher education. In addition, we observed that there is a growing trend and improvement of e-*





learning at different levels of education and their inclusion in classroom courses as an aid to teaching and learning outside the classroom.

Keywords: Distance Education; Phases and Models; E- Learning.

1. Introdução

Ao longo do caminho que traçamos em grupos de pesquisas e no desenvolvimento de dissertações e teses na área de Educação a Distância (EaD), encontramos a necessidade de inserir em alguma classificação os âmbitos da EaD estudados, uma vez que esta possui, na história, diversas experiências didáticas. Desse modo, ao iniciarmos os estudos, deparamo-nos diretamente com algumas perguntas, dentre: “De onde vem a EaD?”, “Como ela chegou até aqui?”, “Que práticas didáticas e tecnologias existiram nesse caminho?” e “Qual ou quais conceito(s) de EaD norteiam as diversas pesquisas na área?”.

Assim, a partir das provocações criadas por tais questionamentos, este trabalho tem como objetivo identificar e situar a EaD permeada nas pesquisas dessa área, ao perpassar seus conceitos e identificar suas fases e modelos, bem como procurar definir os conceitos que nós, autores deste texto, utilizaremos, a fim de embasar tanto as nossas pesquisas de dissertação ou tese, como os estudos realizados no nosso grupo de pesquisa¹.

Com o propósito de identificarmos as diferentes fases e modelos da EaD e encontrarmos subsídios para definirmos um ou mais conceitos adequados aos estudos realizados pelo nosso grupo, escolhemos a pesquisa bibliográfica como estratégia teórico-metodológica a ser utilizada.

2. Estratégia teórico-metodológica

A seleção da estratégia teórico-metodológica a ser utilizada em uma pesquisa requer a análise de adequação dos métodos existentes aos objetivos da investigação, para que sejam otimizados os resultados obtidos pelo pesquisador. Neste trabalho, optamos pela pesquisa bibliográfica como método para identificar as classificações dentro da EaD.

Segundo Silva e Menezes (2001, p.37), a pesquisa bibliográfica se refere à “fundamentação teórica que você irá adotar para tratar o tema e o problema de pesquisa”. De acordo com as autoras, essa metodologia de pesquisa resultará do processo de levantamento e análise do que já foi publicado sobre o tema e o problema de pesquisa escolhidos, baseando-se na análise da literatura já existente em forma de livros, publicações e imprensa, o que permitirá um mapeamento de quem já escreveu e do que já foi escrito sobre o tema.

1 Somos integrantes do grupo de pesquisa Formação e Prática de Professores e as Tecnologias da Informação e da Comunicação (FORPRATIC) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Mais informações sobre esse grupo estão disponíveis em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1571020864339641>>.





Marconi e Lakatos (2006, p. 26) também entendem a pesquisa bibliográfica como o levantamento da bibliografia já publicada, visando “colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto”.

Após a realização de fichamento das literaturas, que permitiu a identificação das obras lidas, a análise de seu conteúdo, as anotações de citações, a elaboração de críticas e a localização das informações lidas que foram consideradas importantes (SILVA; MENEZES, 2001) passamos então, à classificação, à análise e à interpretação das informações coletadas.

Assim, esta pesquisa compreendeu a coleta de dados em livros, artigos, dissertações, teses e periódicos com o propósito de buscarmos embasamento teórico que contribua para a identificação das diferentes fases e modelos da EaD, além da construção de conceitos relacionados a essa área. Após essa etapa, optamos por um conceito que norteará os estudos do nosso grupo de pesquisa.

3. O que se entende por educação a distância?

Junto aos avanços tecnológicos disponíveis no mercado, temos observado o desenvolvimento do trabalho de ensinar e aprender por meio da oferta de cursos na modalidade da EaD. Para compreendermos um pouco desse amplo processo, trazemos algumas definições e/ou correlações da EaD de autores que têm se dedicado ao estudo dessa área, a qual está em plena expansão, bem como o que consta na legislação sobre o assunto.

Behar (2009), com base em vários autores, apresenta um conceito de EaD:

[...] a Educação a Distância, pode ser definida como uma forma de aprendizagem organizada que se caracteriza, basicamente, pela separação física entre professor e alunos e a existência de algum tipo de tecnologia de mediatização para estabelecer a interação entre eles. [...] a EAD é educação, ou seja, não é só um sistema tecnológico, nem mesmo um meio de comunicação (BEHAR, 2009, p.16).

Já o decreto 5.622/2005, ao regulamentar o artigo 80 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), define a EaD como

[...] a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL, 2005).

Para Ramos (2010, p.17), “a EaD é uma modalidade de ensino que se caracteriza pela separação física entre professor e aluno, mas que permite, ainda assim, a manipulação e o estudo do conhecimento/conteúdo”. Fragale Filho (2003) traz outras características da EaD, como: separação física entre professor e aluno; sistema tecnológico de comunicação bidirecional; embasamento em recursos didáticos de conteúdo e apoio; aprendizagem





autônoma do estudante; forte influência da organização educacional (planejamento, plano, projeto).

Sobre essa influência da organização, o autor explica ainda que a diferença entre a EaD e a educação presencial

[...] é o fato de que a responsabilidade pedagógica não recai preponderantemente sobre o professor como indivíduo, mas sobre a instituição que congrega professores e especialistas para a elaboração do material didático e de técnicas apropriadas para o acompanhamento do aluno e verificação de sua aprendizagem (FRAGALE FILHO, 2003, p.51).

Nesse processo encontramos mais e mais pessoas conseguindo concretizar suas aspirações de ascender a um curso superior, já que a EaD permite a um número maior de interessados o acesso a vários e melhores recursos de aprendizagem *online* do que era possível no passado, quando, muitas vezes, tinham que aceitar somente o que era oferecido localmente (MOORE; KEARSLEY, 2007).

Para Alves e Nova (2007),

[...] a EaD é uma comunicação mediatizada, o sujeito, ao se perguntar para que ou para quem escrever, precisa ter claro que há um interlocutor do outro lado que ele não é uno, sim, faz parte dos múltiplos. A EaD também pode repetir a fragmentação do conhecimento, tão comum nos espaços formais de educação. A sociedade de hoje demanda a interdisciplinaridade, definida até como atitude, e essas exigências sociais poderiam ser atendidas de forma mais rápida, sustentável, prazerosa, eficiente e potencializadora da complexidade do ser humano no ambiente virtual (ALVES; NOVA, 2007, p. 117).

Maia e Mattar (2007) fazem um apanhado geral sobre a situação da EaD no país, ao abordarem a sua expansão, o seu contexto e os seus atores. Também nos lembram que, apesar da incrível velocidade com que esse mercado vem se expandindo, os recursos humanos para atuar no novo paradigma não se desenvolveram com a mesma agilidade. Aliás, para esses autores, ainda não existe um completo entendimento desses atores (alunos, gestores, autores, tutores, conteudistas, designers educacionais, professores e instituições) quanto aos papéis que cada um desempenha, seus direitos, deveres e responsabilidades no novo processo.

Além disso, os autores alertam que os profissionais da modalidade a distância ainda não estão apropriadamente preparados para desempenhar sua nova função pedagógica; alunos desconhecem o novo papel, sem conseguir dar uma resposta efetiva quando lhe são exigidos disciplina e autogerenciamento de sua aprendizagem; produtores de conteúdo estão, ainda, mais preocupados com o conteúdo a ser vencido do que com a aprendizagem do aluno (MAIA; MATTAR, 2007).

O entendimento sobre a EaD se traduz, segundo diversos autores já mencionados anteriormente, como uma forma de transmitir algum conhecimento por um indivíduo ou instituição a outrem, quando estes não se encontram em um mesmo espaço físico, estando mediados pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs). Belloni (2009) vai além desse entendimento quando busca compreender quem é o estudante da EaD. O estudante





virtual tem características diferenciadas no processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, a autora afirma que não basta somente expormos um material e exigirmos do aluno a sua compreensão. Precisamos estudar o aluno, o meio, o tempo para ouvir, o tempo para ler, o modo de instigar a curiosidade, de fazer comparações ou associações com outros conhecimentos, bem como integrar com criatividade os meios tecnológicos disponíveis e estar em constante aprendizagem sobre esses recursos que se aprimoram a cada dia e apresentam subsídios para potencializar a EaD.

4. Fases e modelos da educação a distância

De acordo com Maia e Mattar (2007, p. 21), “a EaD surge efetivamente em meados do século XIX em função do desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação (como trens e correio), especialmente com o ensino por correspondência”. Há quem defenda que a EaD surgiu com a escrita ou mesmo com os desenhos feitos nas paredes das cavernas pré-históricas (MAIA; MATTAR, 2007). Assim, é importante destacar que essa modalidade esteve presente de diferentes formas ao longo da história da humanidade, sendo normalmente dividida pelos teóricos em gerações, fases ou ciclos.

Essas classificações, diferentes para cada autor por seu referencial, percorrem os caminhos do ensino por correspondência, rádio, teleconferências e TV, para então abranger o uso das TICs, destacando-se hoje a Internet e a web. Moore e Kearsley (2010), na classificação mais conhecida entre os estudiosos da EaD, optam por pensar em cinco grandes fases: (1) ensino por correspondência; (2) transmissão por rádio e televisão; (3) abordagem sistêmica² (incluindo as universidades abertas³); (4) teleconferência – satélites e videoconferências interativas e (5) aulas virtuais baseadas no computador e na Internet.

Já Maia e Mattar (2007) trazem outra divisão com apenas três fases. A primeira geração é a dos cursos por correspondência, quando o material didático é enviado aos alunos através dos Correios. A segunda geração é a das novas mídias e universidades abertas, quando se apresentou o acréscimo de mídias como a televisão, o rádio, as fitas de áudio e vídeo e o telefone. Um momento importante dessa segunda geração é a criação das universidades abertas de ensino a distância, influenciadas pelo modelo da Open University britânica. A terceira geração é a da EaD online, quando se introduziu a utilização do videotexto, do microcomputador, da tecnologia de multimídia, do hipertexto e de redes de computadores. Em relação à terceira geração, “não se tem mais uma diversidade de mídias

2 Abordagem Sistêmica – Busca pela visão do todo de um problema, observando todas as nuances, buscando apoio em várias ciências ou áreas diferentes para compreender um sistema.

3 Universidades Abertas – “Aprendizagem aberta tem essencialmente dois significados: de um lado refere-se aos critérios de acesso aos sistemas educacionais (‘aberta’ como equivalente da ideia de remover barreiras ao livre acesso à educação e ao treinamento); de outro lado, significa que o processo de aprendizagem deve ser, do ponto de vista do estudante, livre no tempo, no espaço e no ritmo” (TRINDADE, 1992 apud BELLONI, 1999, p.30). As universidades abertas trazem como ponto forte a EaD levada aos recantos mais afastados, mais distantes dos centros de estudo.





que se relacionam, mas uma verdadeira integração delas, que convergem para as tecnologias de multimídia e o computador” (MAIA; MATTAR, 2007, p.22).

Trazendo o panorama brasileiro da EaD por entre as fases, Oliveira (2003) lembra que, no Brasil,

[...] a EAD conheceu diferentes etapas evolutivas, ocorridas também em outros países. [...] A EAD tomou-se mais significativa a partir da década de 1970, com a oferta de programas de teleducação, e, neste novo século, o país busca formas alternativas concretas para, ao lado do sistema convencional, garantir que a educação seja direito de todos e facilitar uma inovação cultural em toda a sociedade, visando diminuir as desigualdades sociais. Nesse contexto, a EAD é assumida como um compromisso nacional. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (lei 9.394/1996) – abre perspectivas e responsabilidades na área da EAD, quando, em seu Art. 80, atribui ao Poder Público o papel de "incentivar o desenvolvimento de programas de ensino à distância, em todos os níveis e modalidades" (OLIVEIRA, 2003, p.35).

Hallwass (2010), ao estudar as fases da EaD, procurou estabelecer uma cronologia da EaD até os dias atuais, observando o consenso de alguns autores como Oliveira (2003), Belloni (2002), Giusta (2003), Peters (2004). São estas as fases propostas: 1) fase escrita (correspondência), surgida no início do século XIX, que se utilizava do sistema postal e era uma fase textual, na qual textos de teor simples davam suporte ao autoaprendizado do estudante, que não mantinha contato com outros; 2) fase analógica (gravações de áudio e vídeo), que ocorreu entre os anos 60 e 80 do século XX, em que a educação se baseava no autoaprendizado através de meios de comunicação analógica, com o apoio de textos explicativos; e 3) fase digital (múltiplos recursos), correspondente à fase atual, que incita igualmente o autoaprendizado, mas se valendo de mídias altamente diferenciadas e evoluídas tecnologicamente.

Além da classificação da EaD em fases, Valente e Moran (2011) a classificam em modelos. Para Valente e Moran (2011) existem diferentes modelos educacionais que podem ser adotados na EaD: em um extremo está o broadcast⁴, que usa os meios tecnológicos para enviar informação ao aprendiz, não existindo nenhuma interação⁵ aprendiz-professor. No outro extremo, está o suporte ao processo de construção de conhecimento por intermédio das facilidades de comunicação, que prevê um alto grau de interação entre professor e alunos que estão em espaços diferentes, porém interagindo via Internet. No primeiro, aparece mais o professor no seu papel tradicional, sendo visto pelos alunos ao vivo (teleaula) ou em aula gravada (videoaula). Além das aulas, há leituras e atividades

4 Broadcast: radiodifusão ou transmissão. Processo utilizado em rádio, telecomunicações e em informática, pelo qual se transmite informações por uma rede (radiofrequência, satélites, Internet).

5 Aqui cabe salientar a diferença entre os termos “interação” e “interatividade”. De acordo com Belloni (1999), a **interação** é a ação recíproca entre dois ou mais atores onde ocorre intersubjetividade, isto é, encontro de dois sujeitos, enquanto a **interatividade** é a característica técnica que significa a possibilidade de o usuário interagir com uma máquina.





presenciais e virtuais. No segundo modelo, o professor não "dá aula", ele se comunica por materiais impressos e digitais, escritos de forma dialogada e com tutoria presencial em polos e/ou virtual, pela Internet.

Filatro (2007), Maia e Mattar (2007) e Silva (2012) denominam essa EaD mediada pela Internet como Educação online.

É importante distinguir a EaD, que pode envolver qualquer tipo de tecnologia de comunicação para mediar a relação entre alunos, professores, conteúdo e instituições, da EaD on-line (uma de suas divisões), que é também denominada e-learning, on-learning, virtual learning, networked learning ou web-based learning. (MAIA; MATTAR, 2007, p.8).

De acordo com Silva (2012), "a educação a distância já tem história, mas só agora vive seu boom com a Internet. Mesmo que ainda prevaleçam os suportes tradicionais (o impresso via correio, o rádio e a TV), não há dúvida de que seu futuro promissor é on-line" (SILVA, 2012, p.11).

Dentre esses conceitos, optamos pelo de EaD online para nortear as nossas pesquisas, não só pelo fato de a EaD mediada pela Internet disponibilizar um número maior de possibilidades de integração hipermediática das tecnologias, ou por ela desfazer aos poucos a imagem negativa da EaD, mas também por ser este o modelo atualmente em maior expansão, incentivado pelo poder público e replicado pelas universidades públicas, sob a gestão da Universidade Aberta do Brasil (UAB). (VALENTE; MORAN, 2011). Além disso, a EaD online propicia uma maior interação entre os envolvidos no ensino e na aprendizagem, por meio de diversas ferramentas tecnológicas disponíveis em ambientes virtuais de aprendizagem, o que acreditamos ser fundamental para potencializar o processo.

Para Oliveira (2003), a EaD no Brasil é, atualmente, um campo em visível crescimento, mas repleto de polêmicas e desafios. Em um passado bem recente, a EaD era tida como uma modalidade educacional de segunda categoria, desprestigiada, encarada com desconfiança, especialmente no ensino superior, sendo utilizada apenas por aqueles que não conseguiam o ingresso na modalidade presencial ou por aqueles que buscavam uma maneira mais fácil ou rápida de obter um diploma ou certificado. Ainda hoje, a expansão acelerada e "atropelada" da EaD no Brasil faz com que a desconfiança persista, "porque sempre se teme que as atividades possam ter ocorrido em ambiente eticamente decaído ou academicamente insatisfatório". (DEMO, 2012, p.83).

No entanto, essa imagem vem sendo desfeita por meio da EaD online e com a integração das tecnologias. "Hoje, o desenvolvimento das tecnologias avançadas de informação e de comunicação impulsiona o crescimento da EaD, reduzindo os preconceitos em relação a ela". (OLIVEIRA, 2003, p.11). Sabemos que ainda existem instituições que fazem por merecer essa desconfiança, mas há também muitas instituições e profissionais sérios e de qualidade, os quais buscam contornar essa situação por meio de estudos e pesquisas nessa área. Em função disso, entendemos que, hoje, a EaD online deve ser considerada no contexto da educação em geral, sem subvalorizá-la nem considerá-la a solução para todos os problemas educacionais.

Segundo Maia e Mattar (2007), a educação presencial vem de uma trajetória de muitos séculos, enquanto a EaD recém "engatinha" no pequeno espaço que já percorreu na linha do tempo da história da educação. A escola do século XXI continua existindo na





modalidade presencial, mas também passa a ocupar o espaço virtual. Assim, acreditamos que cabe aos profissionais e pesquisadores da educação se ocuparem dos dois. O sistema educacional precisa ser pensado para as duas modalidades de Educação: presencial e a distância, bem como para a convergência entre essas duas modalidades (MALLMANN, 2013; MALLMANN, DE BASTOS, DALMOLIN, 2013).

A EaD vem se expandindo rapidamente no ensino superior brasileiro por meio da integração das TICs, sendo a web, hoje, a tecnologia basilar desse processo que atinge cada vez mais alunos e profissionais da educação no país. A EaD online tem hoje um papel muito importante por garantir que mais pessoas tenham acesso à educação e, assim, merece investimentos não apenas financeiros, mas também de profissionalização e pesquisa. Para Belloni (1999),

[...] um elemento essencial deve estar presente nesta análise das relações entre tecnologia e educação: a convicção de que o uso de uma "tecnologia" (no sentido de um artefato técnico), em situação de ensino e aprendizagem, deve estar acompanhado de uma reflexão sobre a "tecnologia" (no sentido do conhecimento embutido no artefato e em seu contexto de produção e utilização) (BELLONI, 1999, p.53).

De acordo com Oliveira (2003), o potencial de ruptura da EaD não está restrito à inclusão das tecnologias; também se relaciona à maneira como os formadores e formandos vão se apropriar desses instrumentos para desenvolver projetos alternativos que superem a reprodução e levem à produção do conhecimento.

Para além do investimento que nós, professores e pesquisadores, buscamos fazer em prol do aprimoramento da EaD online, há também uma contrapartida relacionada ao aluno. Belloni (1999) destaca que o estudante a distância deve ser multicompetente, multiquificado, capaz de gerir situações de grupo, de se adaptar a situações novas, sempre pronto a aprender, caracterizando um estudante mais informado e mais autônomo. Pois,

[...] por suas características intrínsecas, por sua própria natureza, a EaD, mais do que as instituições convencionais de ensino superior, poderá contribuir para a formação inicial e continuada destes estudantes mais autônomos, já que a auto-aprendizagem é um dos fatores básicos de sua realização. Por aprendizagem autônoma entende-se um processo de ensino e aprendizagem centrado no aprendente, cujas experiências são aproveitadas como recurso, e no qual o professor deve assumir-se como recurso do aprendente, considerado como um ser autônomo, gestor de seu processo de aprendizagem, capaz de autodirigir e autorregular este processo (BELLONI, 1999, p.39-40).

5. Considerações finais

Após a pesquisa bibliográfica, percebemos a existência de dois tipos de classificação que abarcam os contextos da EaD: por fases e por modelos. A partir desta constatação, concluímos que, hoje, tanto os modelos quanto as fases da EaD estão presentes em uma intersecção, uma convergência de contextos que foi aprendida ao longo dos anos, com cada





uma das etapas, apropriando-se dos seus variados aspectos. As características de todas as classificações se mostram presentes na EaD que temos na atualidade.

No entanto, após essa investigação, entendemos que o conceito de EaD online é o mais adequado para nortear os estudos do nosso grupo de pesquisa, pois é a modalidade de ensino que mais está se desenvolvendo na atualidade, principalmente pelo incentivo da UAB, com vistas à expansão e interiorização da educação superior. Além disso, existe uma tendência de crescimento e aperfeiçoamento da EaD online nos diferentes níveis de ensino e da sua convergência para os cursos presenciais com vistas a potencializar o processo de ensino e aprendizagem da modalidade presencial.

Existe um mundo a ser vivido, onde as possibilidades de formação pessoal e profissional podem e estão integrando ferramentas cada vez mais atrativas e bem elaboradas para potencializar o processo de ensino e de aprendizagem educacional. Somamos a isso as diversas possibilidades e ofertas de cursos ministrados a distância, por meio do mundo conectado em rede, quando novas maneiras de ensinar e de aprender são postas e exigem novos saberes e novos pensares sobre essa relação.

A partir disso, precisamos saber como melhor integrar as TICs que estão a nossa disposição tanto quanto ao seu funcionamento, as suas implicações na vida do aluno e do professor, quanto à gestão escolar que precisa se adequar e se adaptar às mudanças que estão ocorrendo na nossa sociedade.

6. Referências

ALVES, L., e NOVA, C. **Educação a distância**: uma nova concepção de aprendizado e interatividade. São Paulo: Futura, 2007.

BEHAR, P. (org.). **Modelos pedagógicos em educação a distância**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BELLONI, M. L.. **A formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **Educação a distância**. 5 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009

BRASIL, 2005. **Decreto Nº 5.622** de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, DF, p. 1, 20 dez. 2005. Seção1.

DEMO, P. Instrucionismo e a nova mídia. In: SILVA, Marco (Org.). **Educação online**. São Paulo: Loyola, 2012.

FILATRO, A. **Design instrucional contextualizado**: educação e tecnologia. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

FRAGALE FILHO, R. (org.) **Educação a distância**: análise dos parâmetros legais e normativos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GIUSTA, A.; FRANCO, I. (orgs.). **Educação a distância**: uma articulação entre a teoria e a prática. Belo Horizonte: PUC Minas Virtual, 2003, p. 45-72.





HALLWASS, L. **Relações entre interesses, interação social e aprendizagem na Educação a Distância**. Estudo de casos no Curso de Licenciatura em Matemática a Distância da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas.

MAIA, C.; MATTAR, J. **ABC da EaD: a educação a distância hoje**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MALLMANN, E. M. et al. Potencial dos recursos educacionais abertos para integração das tecnologias e convergência entre as modalidades na UFSM. **Revista Eletrônica de Educação**, Universidade Federal de São Carlos, v. 7, n. 2, 2013, p. 263-284. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/742/274>> Acesso em: 15 de ago. 2015.

MALLMANN, E. M.; DE BASTOS, F. P.; DALMOLIN, R. S. D. Integração das tecnologias educacionais em rede e convergência entre modalidades na UFSM. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental – REGET**, v. 12 n. 12 jul. 2013 v. 11 n. 11 jul. 2013, p. 2521-2530. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reget/article/view/7967/pdf_1>. Acesso em: 20 de ago. 2015.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2006.

MOORE, M.; KEARSLEY, G. **Educação a Distância: uma visão integrada**. Thomson Learning, São Paulo, 2007.

MOORE, M; KEARSLEY, G. **Educação a distância: uma visão integrada**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

OLIVEIRA, E. **Educação a distância na transição paradigmática**. Campinas: Papirus, 2003.

PETERS, O. **Didática do ensino a distância**. São Leopoldo: da Unisinos, 2004.

RAMOS, D. **Cursos on-line: planejamento e organização**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2010.

SILVA, E.; MENEZES, E. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC, 2001.

SILVA, M. **Educação online**. São Paulo: Loyola, 2012.

VALENTE, J.; MORAN, J. **Educação a distância: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2011.

